

Filosofia antiga e pensamento cristão

Ancient philosophy and christian thought

Soelma Costa da Fonseca Lima

Doutora em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (UC)

soelmafonseca@hotmail.com.

<http://lattes.cnpq.br/0193902137188417>

Resumo

O presente trabalho visa abordar as influências e as contribuições da Filosofia Grega para o pensamento cristão no Novo Testamento. A investigação se dá especialmente nas observações de pensamentos de vários eruditos gregos da Antiguidade. De maneira que, através de análises certifica-se que estas ideias, séculos mais tarde foram empregadas na elaboração da escrita do Novo Testamento. A temática não pretende fechar a discussão, mas abrir um novo horizonte de pensamentos e debates em relação ao tema, pois, a Filosofia ajuda-nos a refletir e a compreender a realidade das coisas e a Bíblia é como a vida está sempre aberta para nos ensinar algo novo, pois ela contém as boas novas.

Palavras-chave: Filosofia. Pensamento. Cristão.

Abstract

This work aims to address the influences and contributions of Greek philosophy to Christian thought in the New Testament. The investigation takes place especially in the observations of thoughts of several Greek scholars of Antiquity. So that, through analyzes it is verified that these ideas, centuries later were used in the elaboration of the writing of the New Testament. The theme does not intend to close the discussion, but to open a new horizon of thoughts and debates in relation to the theme, because Philosophy helps us to reflect and understand the reality of things, and the Bible is how life is always open to us. teach something new because it contains the good news.

Keywords Philosophy. Thought. Christian.

Introdução



O presente trabalho desenvolve-se no âmbito das influências e das contribuições filosóficas da Antiguidade Grega para o pensamento cristão no Novo Testamento. As análises debruçam-se especificamente nas reflexões de ideias de diversos pensadores gregos antigos. De sorte que, através da pesquisa comprova-se que estas ideias séculos mais tarde foram usadas de forma surpreendente na produção dos escritos do N.T. – Novo Testamento, assim como na pregação da novidade evangélica feita pelos apóstolos e apóstolas de Jesus Cristo.

A finalidade e importância desta temática é contribuir para uma conscientização da importância da Filosofia Grega antiga para uma boa leitura do Novo Testamento.

Este estudo tem auxiliado em respostas para inúmeras questões levantadas no decorrer dos séculos. Compreender o Novo Testamento a partir da Filosofia Ocidental é um trabalho bastante gratificante que teve início a partir dos próprios escritores bíblicos e na sequência pelos Pais da Igreja, a partir do século I d. C., como veremos a seguir.

No entanto, correlacionar a Filosofia grega ao cenário bíblico é uma tarefa que exige pesquisa. Sendo assim, as fontes principais de coletas de dados utilizadas nesta pesquisa são documentos, livros, artigos e revistas especializadas e agregadas ao tema. O método a ser usado é o Hipotético Dedutivo.

É reconhecido no âmbito acadêmico que a Filosofia Ocidental é um fato grego, todavia, durante muito tempo, considerou-se que a Filosofia nasceu por transformações que os povos gregos operaram na sabedoria oriental (egípcia, persa, caldeia e babilônica). Assim, filósofos como Platão e Aristóteles afirmavam a origem oriental da Filosofia. Esta ideia de uma filiação oriental da Filosofia foi muito defendida oito séculos depois de seu nascimento, principalmente durante os séculos I e II depois de Cristo, no período do Império Romano. Quem a defendia? Os pensadores judaicos, como Filo de Alexandria, e os padres da Igreja, como Eusébio de Cesaréia e Clemente de Alexandria (CHAUI, 1995, p. 26).

A defesa era porque a Filosofia Grega tornou-se em toda a Antiguidade Clássica – e para os poderosos da época, os romanos – a forma superior ou mais elevada do pensamento e da moral. Os judeus, para valorizar o seu pensamento, desejavam que a Filosofia tivesse uma origem oriental, dizendo que o pensamento de filósofos importantes, como Platão, tinha surgido no Egito, onde se originou o pensamento de Moisés, de modo que, havia uma ligação entre a Filosofia e a Bíblia. Os Padres da Igreja, por sua vez queriam mostrar que os ensinamentos de Jesus eram elevados e perfeitos, não eram superstição, nem primitivos e incultos, e por isso, mostravam que os filósofos gregos estavam filiados a correntes de pensamentos místico e oriental e, dessa maneira, estariam próximos do cristianismo, que é uma religião oriental (CHAUI, 1995, p. 26).



No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus (Jo 1:1)

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.

Os indícios mais antigos sobre a doutrina do *Logos λόγος*¹ se encontram nos escritos de Heráclito [...].

A palavra que é usada no original grego para referir-se a princípio é *arché* *avrch*/,, usada com o propósito de fazer referência à geração primária ou ao surgimento de todas as coisas, e ainda que esse vocábulo tenha sido usado desta maneira, não há indicação alguma de que isso queira dizer que o *Logos* teve começo nessa ocasião. [...]. Se assim fosse, essa frase ensinaria meramente a preexistência do *Logos*, mas não necessariamente a sua eternidade. Deve-se observar, entretanto que este versículo não diz: No princípio o *Logos* se tornou, foi criado, etc., e, sim, que ele já era. Qualquer indivíduo que tenha estudado o ensino sobre o *Logos*, a começar por Heráclito, através do estoicismo, no neoplatonismo, especialmente quando ele é expresso por Filo – filósofo judeu neoplatônico – poderá afirmar que: crê que o *Logos* poderia ter tido um começo, ou poderia fazer parte da criação é algo totalmente contrário a qualquer noção que já foi proferida no mundo antigo acerca da natureza do *Logos*. Um *Logos* que tivesse tido começo não é o *Logos* da antiguidade. Não se pode encontrar em parte alguma do pensamento antigo, uma única linha que recomende a teoria de um *Logos* que não seja eterno. Assim sendo, a expressão “no princípio” *En avrch*/| [...], embora faça alusão à criação original, é utilizada no evangelho de João como equivalente à eternidade passada, não havendo nisso qualquer ideia de estabelecer um ponto distinto, no tempo, quando o *Logos* teria tido começo. Desde a eternidade passada que o *Logos* sempre existiu (CHAMPLIN, 2002, vol. 2, p. 263).

Desta maneira, aqui é ensinada a eternidade do *Logos* divino. Qualquer outra interpretação não seria aceita pela filosofia, a qual por séculos trabalhou no desenvolvimento dessa doutrina, também não teria sido aceita pelo autor do mencionado evangelho, pois o mesmo apropriou-se destas palavras e as usou como veículo para ensinar acerca da natureza do Cristo eterno.

Foram muitos os estudiosos que pesquisaram e colecionaram os fragmentos de Heráclito, invocando-o, inclusive, em apoio à doutrina cristã. Foram eles:

Clemente (160 - 215 d.C.) e Orígenes (185 – 253/4 d.C.), ambos de Alexandria, Hipólito de Roma (falecido em 235 d.C.), Nemésio, bispo de Êmesa (400 d.C.) e Teodoreto, bispo de Ciro (morto em 458). (BERGE *apud* BARROSO, 2010, p. 142).

Influência do poeta grego Hesíodo nos escritos paulinos

¹ Esse conceito era usado pelos gregos antes de o cristianismo assimilá-lo. O conceito de *logos* na cultura grega é um princípio abstrato, metafísico.



“O mito de Pandora que representa a criação da mulher é pela primeira vez narrado na obra de Hesíodo, mas sob duas versões: uma, na *Teogonia* (507-602) e outra, nos *Trabalhos e Dias* (59-105)” (BRASETE, 2012, p. 214). Segundo a mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher criada por Zeus, que abriu uma caixa que continha todos os males do mundo, ao abrir essa caixa, Pandora desgraçou a humanidade (BRANDÃO, 2010, p. 177), pois até então os males estavam “encubados”. Todos os males saíram. “Na caixa só permaneceu a esperança” (KAERCHER, 2006, p. 18).

Desta forma, é de bom tom frisar que a esperança encontrava-se na caixa de Pandora juntamente com todos os males que ela havia trazido à terra. Sendo assim, seria a esperança um mal? Ou é considerada um mal porque é incerta? Ou ela não faz efeito porque continua guardada na caixa? Para Nietzsche “a esperança é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens” (NIETZSCHE, 2000, p. 39). Certamente este mito, como todos os outros mitos gregos, influenciaram de certa forma a fé cristã, e não seria exagero se afirmarmos que o apóstolo Paulo por vezes teve que combater este ensinamento grego na Igreja. Para o apóstolo a esperança tem sua origem no próprio Deus.

Ao escrever a sua I Carta a Timóteo, Paulo ressaltou que Jesus é a nossa esperança (I Tm 1:1). Para Paulo a esperança não era incerta. “Em Cristo concentra-se toda a esperança inclusive de vida eterna, sendo Ele o seu único mediador entre Deus e a humanidade [...]”. “Portanto, a esperança é segura, pois ela surge através de Cristo, e é possível que ela se torne brilhante realidade no coração da pessoa que crê em Jesus” (CHAMPLIN, 2002, vol. 5, p. 277).

Paulo intenciona a mostrar às suas comunidades a autêntica natureza cristã, para de acordo com o evangelho conduzi-las à esperança. [...] Para Paulo a esperança é a realização decisiva do ser cristão [...], e a fé e o amor apontam para a esperança como expectativa da consumação definitiva num futuro para além da história presente (SODING, 2003, p. 13-14).

Aos Efésios Paulo diz: “Lembraí-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo [...] sem esperança e sem Deus no mundo!” (Ef 2,12), ou seja: Paulo advertiu a comunidade cristã – que eram as pessoas gentias – que não possuíam esperança alguma, nem naquela época e nem para o futuro. A filosofia em sua quase totalidade leva em frente a ideia do poeta Hesíodo, por isso fazia soar uma nota incerta sobre a esperança [...].

Epicuro e Protágoras não tinham qualquer esperança de uma vida futura, além-túmulo, e, muito menos, que essa existência futura pudesse ser bem-aventurada. Aristóteles muito hesitava nesse ponto. Já Sócrates esperava fervorosamente por um futuro estado de bem-aventurança (CHAMPLIN, 2002, vol. 4, p. 564).



Pode-se perceber a profundidade de sentimentos da eloquente expressão do dramaturgo grego Sófocles (séc. IV a.C.), quando ressaltou acerca de quão sem esperança é a vida humana, se esta não é iluminada pela luz de Cristo (CHAMPLIN, 2002, vol. 4, p. 564).

Contribuições de Heráclito e de Platão para a inspiração paulina

“O apogeu da filosofia grega coincide com a centralização da cultura em Atenas, depois que ela nasceu e se desenvolveu nas cidades da periferia, sobretudo da Jônia – hoje espaço integrado no território da Turquia – e na Magna Grécia – hoje Sul da Itália” (AMARAL; PEREIRA MELO, 2009, p. 3).

Heráclito

Nasceu em Éfeso, na Ásia Menor, século VI a. C. Espírito altivo e desdenhoso, aristocrata de nascimento e engenho, desprezava a multidão e os falsos sábios e não poupava em suas críticas, nem mesmo a grande tradição literária e a religião. Não fundou escola filosófica, mas os estoicos aprenderam muito de seus ensinamentos (MONDIN, 1988, p. 26).

Inclusive percebe-se essa herança no escritor bíblico Paulo de Tarso, quando para falar às pessoas cristãs da doutrina bíblica, ele faz uso da experiência do “*devir*”².

Heráclito acreditava na missão de que: “os que estão acordados devem ajudar os que dormem” (MONDIN, 1988, p. 27). É justamente esta realidade que o apóstolo demonstra através dos seus escritos, quando diz que ouviu do Senhor uma voz que dizia: “[...]. Eu te livrarei do povo e das nações gentias, às quais te envio para lhes abrirem os olhos e assim se converterem das trevas à luz, e da autoridade de Satanás para Deus [...]” (At 26, 17). A partir da conversão de Paulo percebe-se que ele se comportou justamente desta maneira, compreendendo que Deus abriu os seus olhos para que ele abrisse os olhos de outrem para que tudo venha a ser “*devir*”.

Ainda fazendo uso da experiência do “*devir*” Paulo se expressou acerca da *Parousia* de Cristo quando diz:

Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser

² Tudo é vir a ser.



corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido e imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura (I Co 15:51-54).

Aos Tessalonicenses, Paulo afirma que os mortos em Cristo ressuscitaram primeiro, em seguida nós os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor (I Ts 4, 16-17).

Heráclito e o *Logos*

“Heráclito funda a moral diretamente sobre o *Logos*. Ele diz que o homem pode tornar-se sábio, bom e feliz se procurar unir-se ao *Logos*, e que o meio principal para se conseguir isto é o conhecimento de si mesmo, porque o conhecimento de si mesmo leva ao *Logos*, que age na alma” (MONDIN, 1988, p. 27). Em acordo com Heráclito, Paulo após sua conversão e encontro com o *Logos* diz: “Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo”. E também ressalta: “Por conseguinte, que cada um examine a si mesmo [...]” (I Co 11:1; 28).

“Heráclito também enfatizou que o homem se aproxima do *Logos* percorrendo a via ascendente da verdade e não a via descendente do prazer [...], e que todo ser humano é responsável pelo seu próprio destino [...]” (MONDIN, 1988, p. 27). Aos Efésios Paulo doutrinou-os dizendo:

Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade. (Ef 4: 20-24).

O raciocínio de Heráclito foi considerado um grande passo na história da filosofia, usando o seu método particular, o *deivir*, assim foram os conselhos de Paulo para o Cristianismo. Apoiado nestas experiências, o apóstolo usou de forma indireta as palavras do filósofo para expressar a doutrina de Deus para as pessoas cristãs.

Platão

A vida de Platão transcorreu entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico. Compôs seus primeiros diálogos levantando de diferentes modos o conceito acerca das virtudes. Platão dedicou-se ao magistério, e na composição de suas obras formulou uma nova solução para o problema do conhecimento representado pela doutrina das ideias, o que resultou numa filosofia própria. Toda filosofia de Platão é essa busca, sistematicamente criticada e revista. E, essa procura, resultou uma visão de mundo, do lugar do homem no mundo e de seu destino (AMARAL; PEREIRA MELO, 2009, p. 3). Platão foi o príncipe de todos os filósofos, tendo antecipado muitas das doutrinas cristãs. Advogava firmemente a



imortalidade da alma, tendo-nos deixado alguns dos melhores argumentos racionalistas em favor da existência e da sobrevivência da alma, em face da morte física, que chegam mesmo a antecipar a moderna teoria da vida, intitulada “teoria dos campos de força”. De acordo com essa ideia, a vida, em seus aspectos psíquico – ou espirituais – e material, não passa de certa concentração temporária de energia psíquica. Não obstante, a despeito de todo esse grande discernimento, Platão não possuía as revelações divinas necessárias para esclarecer-nos como a alma pode ser redimida, porquanto também a considerava decaída (CHAMPLIN, 2002, p. 564).

Segundo Platão,

a alma humana busca a soberana beleza, que contemplou antes da encarnação. Seu bem é atingir esse ideal, chegar até a beleza, e é pelo Amor que ela encontra seu caminho. [...]. O problema pedagógico maior de Platão era garantir na alma a monarquia do prazer verdadeiro e, na cidade, a conduta correta conforme a tábua de valores oferecida por uma reta razão. Para tanto, é necessário colocar o ser humano no rumo certo, em direção ao Bem, ao Belo e ao Verdadeiro. E é preciso nutrir nele o Amor ao Bem (AMARAL; PEREIRA MELO, 2009, p. 4).

Em 1 Coríntios 13, Paulo elogia de forma extraordinária o amor, e o indica como vereda inigualável e como a harmonia da perfeição. O amor que vem de Deus é o amor *ágape* e este assume para o cristianismo a função que determina na constituição educativa do ser humano ideal. Ao dialogarem sobre o amor, mesmo sendo em tempos diferentes, constata-se que tanto Platão quanto Paulo, têm um mesmo pensamento que é esclarecer à humanidade o que pensavam ser o amor e a sua posição na constituição do homem. Deste modo, desde as conquistas de Alexandre Magno (356 a.C. - 323 a.C.), percebe-se que há uma aproximação entre o cristianismo e a cultura grega.

O mundo sensível e o mundo inteligível de Platão e as suas contribuições para Paulo explicar o mundo físico e o mundo espiritual

Platão em seus estudos conheceu e se aprofundou nas teorias de dois dos maiores filósofos pré-socráticos, Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eléia. Antagônicas entre si, Platão reconheceu certo acerto na filosofia de ambos os filósofos e procurou resolver o problema criando sua própria teoria. De Heráclito, Platão considerou correto as percepções do mundo material e sensível, das imagens e opiniões. Para ele, a matéria era algo imperfeito, em constante estado de mudança. Concluiu, no entanto, que Parmênides também estava certo ao exigir que a Filosofia se afastasse desse mundo sensível, para ocupar-se do mundo verdadeiro, visível apenas ao puro pensamento. Com um toque de seu mestre Sócrates, de quem Platão aproveita a noção de *Logos*, está criada a teoria platônica e a distinção dos mundos sensível e inteligível (GOBIS, 2008).

Para se falar dos dois mundos impostos por Platão começemos a falar de Heráclito, pois o mesmo “julgava que o homem tem dois instrumentos para o conhecimento da verdade, a saber: a sensação e a razão” (MONDIN, 1988, p. 27).



Platão considerou que Heráclito tinha razão no que se refere ao mundo material e sensível, mundo das imagens e das opiniões [...]. O mundo material ou de nossa experiência sensível é mutável e contraditório e, por isso, dele só nos chegam as aparências das coisas e sobre ele só podemos ter opiniões contrárias e contraditórias. Por esse motivo, diz Platão: Parmênides está certo a exigir que a Filosofia deva abandonar esse mundo sensível e ocupar-se com o mundo verdadeiro, invisível aos sentidos e visível apenas ao puro pensamento. O verdadeiro é o Ser uno, imutável, idêntico a si mesmo, eterno, imperecível, puramente inteligível. Eis porque a ontologia platônica introduz uma divisão no mundo, afirmando a existência de dois mundos inteiramente diferentes e separados: o mundo sensível da mudança, da aparência, do *devir* dos contrários, e o mundo inteligível da identidade, da permanência, da verdade, conhecido pelo intelecto puro, sem qualquer interferência dos sentidos e das opiniões. O primeiro é o mundo das coisas. O segundo, o mundo das ideias ou das essências verdadeiras. O mundo das ideias ou das essências é o mundo do Ser; o mundo sensível das coisas ou aparências é o mundo do Não-Ser. O mundo sensível é uma sombra, uma cópia deformada ou imperfeita do mundo inteligível das coisas ou essência. Para Platão o Não-ser é alguma coisa. Ele é o outro do Ser, o que é diferente do Ser, o que é inferior ao Ser, o que nos engana e nos ilude, a causa dos erros. O Não-Ser é um falso ser, uma sombra do Ser verdadeiro, aquilo que Platão chama de pseudo-Ser. O Não-Ser é sensível. O Ser é uno, idêntico, eterno e imutável (CHAUI, 1995, p. 212).

Esta questão contribuiu muito para Paulo explicar Deus, a partir da descrição de Platão acerca do Demiurgo. Para Platão Deus está no mundo inteligível. Ele acreditava que além da existência dos deuses, existia também um ser supremo – que ele chamava ora de Demiurgo, ora de Fíturgo (MONDIN, 1988, p. 61) –, “criador e pai do universo, artífice de toda sorte de objetos; a terra, o céu, os deuses e todos os astros do firmamento, e tudo o que está debaixo da terra, ele produz com o seu trabalho” (A REPÚBLICA *apud* MONDIN 1988, p. 61). Em sua obra inacabada, “Leis”, Platão condenava severamente as pessoas que colocavam em dúvida a sua existência. Segundo ele, basta olhar em torno da terra e sol, estrelas e universo, pois, tudo fala dele!. [...] Ele possui propriedades como eternidade, incorruptibilidade, simplicidade, perfeição absoluta. Uma coisa foi verdadeira para Platão: Deus constitui um grande mistério. No *Timeu* ele confessa: “É difícil encontrar o Autor e Pai do universo. E uma vez encontrado é muito difícil falar dele” (*TIMEU apud* MONDIN 1988, p. 61-62). De fato, o que Platão diz destas ideias quadra perfeitamente com o conceito religioso que Paulo usa para nos apresentar Deus.

O mundo material e o mundo espiritual em Paulo

O mundo espiritual e o mundo físico são reais. Muitas pessoas não dão crédito ao mundo espiritual, pois o mesmo ninguém vê a olhos nus, todavia, há crédito para o mundo físico pelo fato deste ser visível. No mundo espiritual existem dois reinos: o reino da luz, e o reino das trevas, e dois governos: o governo de Deus e o governo do Diabo.



Mais uma vez percebe-se Paulo fazendo uso das experiências de Platão para ensinar sobre esses dois mundos e sobre esses dois reinos: não olhando para as coisas que se veem – mundo material –, mas para as que não se veem – mundo espiritual –; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (2 Co 4:18). Paulo também ressalta: revesti-vos da armadura de Deus para poderdes resistir às insídias do Diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais (Ef 6:11-12).

Paulo, Arato, Menandro, Epimênides e a ilha de Creta

Paulo era um homem de educação esmerada. Ele foi treinado por um mestre judeu muito respeitado, Gamaliel (At 22:3; 5:34). Paulo conhecia não apenas a Escritura e a literatura judaica, mas também a literatura grega clássica. Enquanto ele discursava para um grupo de filósofos epicureus e estóicos em Atos 17:22-34, no verso 28, ele cita a Crítica de Epimênides: “porque nele vivemos, e nos movemos e existimos”, e o *Phaenomena* de Arato: “porque somos sua geração” [...]. Em 1 Coríntios 15:33, Paulo cita a comédia de Menandro, *Thais*: “as más conversações corrompem os bons costumes” (JAIRWPR, 2014).

Dito como “homem estanho” pelo seu povo, Epimênides era um dos poucos da sua época e região que cria em apenas um Deus e, segundo conta Diógenes Laertius, quando houve a praga em Atenas muito se fizeram de holocaustos para “apaziguar a fúria dos deuses”, que passavam de 30.000, ou seja, tinham mais deuses em estátuas nas ruas de que pessoas vivendo em Atenas. Sacerdotes egípcios e babilônicos foram chamados para tentarem resolver o problema da praga. Todavia, sem sucesso algum. Quando então lembraram do Deus único de Epimênides, então o chamaram. Ele mostrou-os o erro de adorarem deuses que não poderiam os ajudar em nada, e mandou que colocassem ovelhas no alto do areópago, pois, estas iriam lhes mostrar o local onde esse Deus queria ser adorado. Então, num ato “místico” as ovelhas desceram o areópago e andaram até o local onde não havia nenhum tipo de idolatria. E ali os artífices construíram um altar, e como não sabiam o “nome” desse Deus, a mando de Epimênides talharam como “o Deus desconhecido” – assim como descrito em Atos 17:23 – e assim conseguiram resolver o problema da praga (JAIRWPR, 2014).

Este fato foi mencionado pelo apóstolo Paulo em Atos 17 que aproveitando-se do ensejo, apresentou o mencionado Deus desconhecido ao qual ele servia, e afirmava ter conhecido em uma ocasião em que o mesmo havia se revelado, e se apresentado a ele para salvar o mundo de uma suposta condenação eterna. Aconteceu, pois, que alguns dos filósofos epicureus e estoicos tinham o costume



de se reunir no Areópago da cidade, para se ocuparem ouvindo alguma novidade ou conhecimento. E em uma dessas ocasiões, Paulo estava presente no Areópago, e foi questionado pelos eruditos atenienses para que lhes contassem a respeito de sua nova doutrina, que segundo os mesmos lhe eram estranhas aos seus ouvidos, porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição (At 17:22-32).

O mito da caverna e a obra da evangelização paulina

No livro VII da *República*³ Platão escreveu um diálogo entre Sócrates e Glauco acerca do Mito da caverna. Neste mito ele nos convida a pensar acerca da realidade da vida. No mito há homens presos numa caverna e o filósofo faz uma alusão desta caverna como o mundo em que vivemos. No ângulo em que estão os homens amarrados na caverna eles contemplam a sombra de estatuas que passam lá fora. O filósofo faz uma comparação das estátuas com as coisas materiais e sensoriais que percebemos. Dessa caverna há um prisioneiro que se liberta e sai da caverna. Este é o filósofo. Na entrada da caverna penetra uma luz que vem do mundo exterior, ou seja, do sol. Esta luz é a verdade, e o mundo exterior é o mundo das ideias verdadeiras ou da verdadeira realidade. O instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros é a dialética.

Para Paulo, viver as coisas do mundo é viver em uma prisão, por isso ele afirma que “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu filho amado, no qual temos a redenção [...]” (Cl 1:13). Das trevas é que Deus liberta o ser humano e os leva à luz de Cristo. “[...], Ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida [...]” (2 Tm 1:10). Para Paulo a luz é a verdade e o mundo exterior ou espiritual é uma realidade (2 Co 4:18), e o instrumento que liberta as pessoas e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros é a evangelização. Acerca disso, temos as suas viagens missionárias 1ª Jornada Missionária (Atos 13-14); 2ª Jornada Missionária (Atos 15:36; 18:22); 3ª Jornada Missionária (Atos 18:23; 20:38).

Conclusão

Em virtude dos fatos observados é perceptível as diversas influências e Contribuições da Filosofia Grega Antiga para o Pensamento Cristão no Novo Testamento. Fica o convite à uma reflexão mais aprofundada sobre essa temática, a qual exalta tanto a sabedoria filosófica como a bíblica.

³ Cf. PLATÃO. *A República*. Livro VII. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.



Referências

AMARAL, Roseli Gall da Silva; PEREIRA MELO, José Joaquim. O Ideal Platônico e o ideal cristão: Aproximações em torno do amor como elemento formativo. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. I Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais. *O Conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos*: Universidade Federal de Maringá, Maringá, 2009, p. 3. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/02.pdf>. Acesso 1 out. 2017.

BARROSO, Gabriel Lago de Sousa. Entre lei humana e lei divina: Filosofia do Direito no pensamento do *nomos* a partir de um fragmento de Heráclito de Éfeso. *Revista do CAAP*, (1), Belo Horizonte, jan-jun 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/soelm/Downloads/271-Texto%20do%20artigo-537-1-10-20120706.pdf>. Acesso 5. out. 2021.

Brandão, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BRASETE, Maria Fernanda. *A criação da mulher, segundo Hesíodo*. Universidade de Aveiro, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/78556234.pdf>. Acesso 5. Out. 2021.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

GINGRICH, Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento*. Grego/Português. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GOBIS, Rafael Augusto. *Platão e a Distinção entre o Mundo Sensível e o Mundo das Ideias*. 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/platao-e-a-distincao-entre-o-mundo-sensivel-e-o-mundo-das-ideias/6969/>. Acesso 4 out. 2017.

JAIRWPR. *Os Apóstolos Paulo e Tito, Epimênides e a ilha de Creta*. Instituto Paracleto, 2014. Disponível em: <https://institutoparacleto.org/2014/02/04/os-apostolos-paulo-e-tito-epimenides-e-a-ilha-de-creta/>. Acesso 4 out. 2017.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. *O mundo na caixa: Gênero e raça no Programa Nacional*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*, vol. 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: Um livro para os espíritos livres*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2000.



PLATÃO. *A República*. Livro VII. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.

SODING, Thomas. *A Tríade fé Esperança e Amor em Paulo*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Recebido: 08/08/2021

Aceito: 13/10/2021